

# Prazer confinado

Rodrigo Hilário

Da equipe do **Correio**

Faz calor na tarde de Brasília. Especialmente no Conic, aquela ilha de prédios cercada de concreto por todos os lados. No térreo do edifício Acropol, um homem discreto abre a porta de vidro fumê e entra na loja 19. Ele trabalha por ali, como cabeleireiro em um salão de beleza, e aproveitou alguns minutos de folga.

Dentro do estabelecimento, saca R\$ 1 da carteira. Com esse dinheiro, talvez queira comprar um refrigerante. Mas ali não funciona um bar. É um lugar que chama a atenção por exibir a foto de uma mulher em pose sensual. O homem em questão, Carlos Rolim Saraiva, 35 anos, está na *All Sex* — uma casa de *peep-shows*, inaugurada há um mês, no Conic.

Em inglês, o verbo *to peep* significa olhar, espiar, bisbilhotar. Na Europa, o termo batiza o espetáculo de mulheres que tiram a roupa para homens confinados em minúsculas cabines. E também de cenas de sexo ao vivo, protagonizadas por heterossexuais, *gays* e lésbicas. Nos Estados Unidos, em vez de *strip-tease* ao vivo, os boxes têm uma televisão para exibir filmes pornográficos. Nova York, Amsterdã, Bruxelas e Barcelona são as mecas dos *peep-shows*.

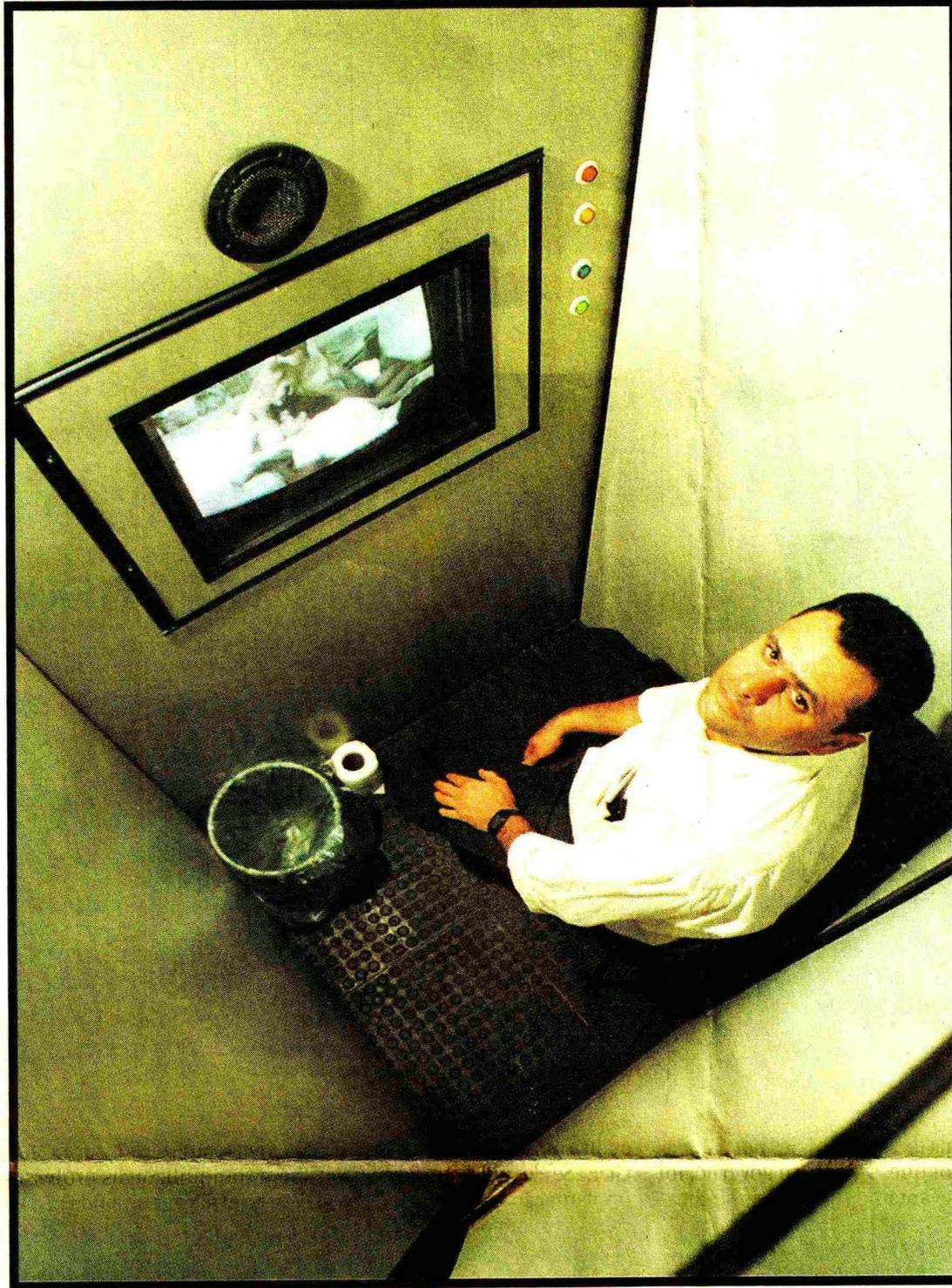
Agora, esse serviço, o americano, chegou a essas bandas. A primeira loja do gênero no Distrito Federal — que abre de segunda a sábado, das 9h às 20h — oferece sete minutos de filme pornô em cabines de um metro quadrado. Nem um milímetro a mais. São quatro, todas com piso emborrachado e equipadas com uma cadeira, um cesto de lixo e um rolo de papel higiênico.

## CENAS ERÓTICAS

É nesse espaço que cerca de 50 homens por dia buscam o prazer solitário, assistindo às cenas eróticas de fitas nacionais e americanas. “O serviço é interessante. É bom para distrair quando a gente está estressado”, diz Carlos Saraiva, casado, pai de três filhos e morador do Jardim Ingá, em Luziânia (Goiás).

Ele conta que já esteve no lugar três vezes. Geralmente, vai na hora do almoço ou no fim do expediente, antes de ir à Rodoviária para tomar o ônibus de volta para casa. Gostou tanto que espalhou a notícia entre os

Carlos Vieira 6.3.02



**CARLOS SARAIVA GOSTOU DA NOVIDADE E ESPALHOU PARA OS AMIGOS: “É BOM QUANDO A GENTE ESTÁ ESTRESSADO”**

amigos. “A idéia é genial. No cinema, o ingresso é caro (de R\$ 8 a R\$ 10) e o filme fica monótono porque dura muito tempo (em média uma hora e meia). Aqui, é mais prático e você ainda escolhe o filme que quiser.”

Dentro do cubículo, a tela da TV fica a três palmos de distância do cliente. Acima, um pequeno alto-falante. Ao lado, quatro botões em cores diferentes — vermelho e amarelo para regular o som, verde para ajustar a sintonia da imagem, e azul para mudar de canal. No total, há quatro filmes passando simultaneamente. Meio-dia e fim de

tarde são os horários de maior movimento. Em geral, quem vai ao lugar trabalha no Conic ou está ali de passagem.

Aromatizado com incenso, o ambiente é simples. Na entrada, fica um funcionário, espécie de gerente, sentado a uma mesa. De resto, só uma estante com as capas das fitas em exibição no dia. Em média, os filmes são trocados a cada dois ou três dias. Tudo acontece rapidamente. O freguês chega, paga pelo tempo que quer ficar no boxe e se tranca. O que vai fazer lá dentro não é da conta de ninguém, embora fique subentendido.

## PROIBIÇÕES

As cabines são limpas com frequência. Cada vez que um cliente sai, o gerente Manoel Madureira, 35, goiano de Campos Belos, recolhe os papéis do cesto e, se houver necessidade, limpa o chão com um pano encharcado de água e desinfetante. Ele conta que os estilos de filme preferidos da freguesia são os heterossexuais e os que contêm cenas de lesbianismo. “Mas tem uns sujeitos que pedem de homem com homem, e de gente com animal. Cada com sua mania, né?”, diz.

No local, há três proibições:

nada de fumo, menores de 18 anos ou mais de uma pessoa por cabine. “De vez em quando aparece alguém pedindo para entrar em dupla. Não dá. Primeiro, porque se deixar, vira bagunça. Segundo, porque só cabe um lá dentro. Já teve até uns caras me chamando para entrar junto. Claro que eu disse não. Tô fora, não gosto desse trem”, avisa Manoel, goianamente.

Quem também gostou da novidade foi o segurança de banco A.B.S., 41, residente na Vila Planalto. Ele pode ser apontado como um dos recordistas de assiduidade: já apareceu meia dúzia de vezes. Casado, pai de quatro filhos, adora filme pornô. Tem videocassete em casa, mas não assiste com a mulher, evangélica convicta. Então, recorre a esse tipo de serviço.

## LOIRAS BONITAS

“**P**refiro filmes americanos, em vez dos brasileiros. São mais bem feitos e só tem loura bonita”, diz A. “Quando venho, pago logo três fichas de uma vez”, conta. Assim, evita que no meio do filme dê um grito pedindo prorrogação ao gerente, o que é bastante comum entre os clientes.

Já R.M.P., comerciante de 26 anos, em sua primeira visita à *All Sex*, achou a infra-estrutura precária. Não passaram pelo crivo dele, que se diz *expert* em filmes do gênero, a temperatura dos boxes — “É quente demais, precisa ter ventilador” —, e a qualidade das fitas — “São muito antigas e com atores ruins” —, bronqueia o rapaz, morador de Sobradinho.

O proprietário da loja, Waldyr Gonçalves, explica que já havia tentado vender os *peep-shows*, com uma cabine dentro de sua loja de artigos sexuais, no próprio Conic. Mas não foi bem-sucedido. Segundo ele, os frequentadores da loja — a maioria, mulheres — sentiam-se constrangidos com o entra-e-sai de homens.

“Por conta disso, resolvi abrir uma casa só para esse serviço. Ainda existe muito tabu em torno do consumo de sexo como produto de mercado, e não me refiro a prostituição. Porém, aos poucos, as pessoas vão se acostumando”, aposta o dono da casa. Waldyr aproveita para mandar um recado aos interessados: o preço da diversão vai subir. “Está baratinho porque acabamos de inaugurar. É uma promoção para atrair fregueses. Mas o aumento não será muito grande.”